

# Fanatismo e negacionismo<sup>1</sup>

Roosevelt Cassorla,<sup>2</sup> Campinas

Resumo: A partir do estudo do mito de Narciso propõe-se que as configurações fanáticas envolvem um complexo defensivo que ataca a percepção da alteridade e, por consequência, a consideração pelo outro. O fanático se refugia na idealização mortífera da Verdade, considerada única. Compulsivamente busca seduzir o outro a sua Causa, controlando-o. Caso não consiga terá que eliminá-lo. O negacionista, por sua vez, sente-se ameaçado por tudo aquilo que abala suas crenças e, ao negá-las, busca mantê-las ou substituí-las por construções que remontam a um passado idealizado. Os conceitos freudianos de negação (*Verneinung*) e recusa (*Verleugnung*) auxiliam sua compreensão. Demonstra-se que fanatismo e negacionismo podem superpor-se. O texto termina com a descrição de fatos similares que podem obstruir o conhecimento e a formação psicanalítica.

Palavras-chave: fanatismo, negacionismo, negação, recusa, narcisismo

O mito de *Narciso* nos servirá de introdução aos temas que serão abordados, usando-se o mínimo de termos psicanalíticos para facilitar a compreensão por parte de pessoas que os desconhecem. O leitor psicanalista poderá utilizá-los partindo de seu vértice teórico preferencial.<sup>3</sup>

Sabemos que a ninfa Líriope engravidou após ter sido violentada pelo rio Céfiso. A beleza de seu bebê, Narciso, era tão grande que Líriope ficou preocupada. Havia o perigo do excesso – *hybris* – condenado pela cultura grega. Líriope consulta Tirésias, o adivinho cego. Ele vaticina que Narciso morrerá se se olhar.

1 Aula inaugural na Sociedade de Psicanálise de Brasília, fevereiro, 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=RDIO\\_Z6PhJM](https://www.youtube.com/watch?v=RDIO_Z6PhJM).

2 Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e de Campinas. Prof. Titular da Unicamp.

3 Alguns parágrafos deste texto correspondem aos artigos de Cassorla (2019b e 2021b).

Narciso desperta paixões que, orgulhoso, não considera. Ele não precisa do outro, sente-se autossuficiente. Sequer lhes dirige seu olhar. Podemos supor, no entanto, que com o rabo do olho está prestando atenção se sua beleza está sendo admirada. Ele finge que não vê. O outro serve como espelho e não tem qualquer valor como ser humano.

Em determinado momento encontra a ninfa Eco, que estava condenada a repetir os últimos sons que ouvia. O castigo de Eco era refletir o outro.

Narciso apenas vê Eco, como um reflexo. Escondida Eco faz barulho. Narciso pergunta: “Quem está aí?” Eco repete suas palavras. Quando Eco aparece, de supetão, Narciso vê um ser humano diferente dele mesmo. Sente-se aterrorizado e diz que prefere morrer a ceder ao amor da ninfa. Instantaneamente retoma a organização narcísica – ele se basta.

Agora Narciso se aproxima de uma lagoa. Olhando para a água, vê um belo rapaz, de quem se enamora. Após um jogo de sedução, Narciso se atira na água em busca do amante (sua própria imagem) e morre afogado. Trata-se de um suicídio como fusão com o objeto idealizado. Um parto ao contrário.

Proponho que, na verdade, Líriope – a mãe, ficou fascinada por seu bebê maravilhoso. Ele reproduziria o que os psicanalistas chamamos ego ideal. Quem realmente desejava que Narciso não se visse era ela. Líriope queria que Narciso visse somente ela, que com ela se mantivesse fusionado e, dessa forma, que não nascesse para o mundo.

Nós, psicanalistas, sabemos que essa mãe introjetada como um ideal fará com que o mundo de Narciso se limite ao olhar da mãe que, por sua vez, reflete o olhar de Narciso. Trata-se de uma relação simbiótica em que cada um se maravilha ao ver-se no espelho/olhar do outro. Ambos são Um, como antes de Narciso nascer. Como consequência Narciso não constitui mente própria e torna-se inapto para viver na realidade, onde *self* e objeto estão discriminados.

Em outras palavras, Narciso não pode entrar na triangulação edípica que é vivenciada como traumática. Isto é, a percepção do outro – do terceiro – será ameaçadora porque impede a manutenção da relação idílica com a mãe interna, isto é, com ele mesmo.

## As relações simbióticas

Todos os seres humanos mantêm em sua mente aspectos narcísicos, necessários para o autocuidado e a autoestima. Trata-se de um narcisismo de vida. Diferente do mito, em que o narcisismo é mortífero. Outra parte da mente funciona na triangularidade, que nomeamos Édipo, em que somos capazes de reconhecer a existência do outro. Esse outro, em sentido simbólico, representa o mundo – a realidade – que separa o bebê da mãe. O nascimento psicológico decorre de um processo de dessimbiotização que responde ao desejo dos pais de que seu filho tenha vida própria.

Na adolescência ocorre um segundo processo de dessimbiotização. Frente à força das pulsões sexuais e agressivas, o mundo externo se torna mais atraente e, ao mesmo tempo, ameaçador. Ameaçador porque agora, sim, os pais terão que ser abandonados e substituídos por relações exogâmicas. Ocorre um processo transicional em que as relações irão para além dos pais. Caso os processos de dessimbiotização da infância não estejam suficientemente elaborados, o adolescente corre o risco de reviver as relações simbióticas iniciais, idealizadas, fugindo da percepção de que está excluído da relação entre os membros do casal parental (Cassorla, 2017).

Tomemos como exemplo a relação com o namorado ou namorada, quando os aspectos simbióticos predominam. A jovem passa a ver o namorado não como uma pessoa separada dele, com vida própria, mas como um espelho dela mesma, um espelho que deve refletir aquilo que ela – a apaixonada – projeta nele. Estamos apaixonados por nós mesmos, no olhar do outro. No entanto, a parte da mente que vive na triangularidade sabe que o outro é outro, é diferente de mim mesmo, tem mente e desejos próprios, pensamentos que não coincidem com os meus. Na verdade, a vida é uma negociação constante entre aspectos narcísicos – quero que o outro seja um espelho, um prolongamento meu e dos aspectos edípicos – o outro é diferente de mim e eu sou diferente dele.

No caso do apaixonamento narcísico, o indivíduo sente-se desesperado com a possibilidade que o outro tenha vida própria. Perceber o outro como discriminado do *self* é perder uma parte de si mesmo. Assim, a pessoa sente-se abandonada, traída e essa perda é sentida como um deixar de existir. Já que esse olhar espelhado – similar ao da mãe – é que o mantém vivo.

Como manter a relação simbiótica cuja destruição seria sentida como mortífera? Pode tentar-se seduzir o objeto, chantageá-lo, ameaçá-lo, violentá-lo, tudo aquilo que vamos encontrar nos fanáticos. O ódio e o ressentimento podem levar a tortura e morte do objeto traidor. Os homens matam mais (feminicídio) que as mulheres, que tentam se matar. O suicídio implica em uma retomada da simbiose em outro mundo, uma volta ao útero materno. É uma vingança que faz o outro sentir-se culpado (Cassorla, 2019a e 2021a).

Existem outras formas de simbiose: o uso de álcool e drogas, a adição à internet, ao trabalho, à gravidez (a adolescente se funde a seu bebê). E, importante para nosso tema, a adesão fanática a grupos religiosos, ideológicos ou com ideias particulares (racistas, homofóbicos, por exemplo). Nesses grupos o indivíduo sente-se existente e importante porque todos, simbioticamente, são donos da verdade e sentem-se autossuficientes. Os que compartilham de suas ideias são bons. Os que não concordam são maus e precisam ser convencidos ou eliminados.

Estamos frente a condutas sociais variadas, entre elas o Fanatismo.

## Fanatismo

O fanático transforma a percepção e o conhecimento da realidade para adaptá-la a suas necessidades e desejos conscientes e inconscientes. Ele tem certeza absoluta de que possui a Verdade, que é única. Fatos que não coincidem com ela são negados ou transformados de forma a confirmarem a organização fanática.

O termo *Fanático* vem do latim *fanus*, que significa templo. Os romanos associavam a palavra ao verbo *for, fari*, que significa falar solenemente. O fanático era o porteiro que velava cuidadosamente pelo santuário. Com o tempo passou a nomear o religioso fervoroso que se dedicava exclusivamente a um único deus (os romanos eram politeístas). O termo se ampliou para nomear o louco, com entusiasmo delirante, frenético, iluminado, exaltado por sua crença.

Na mente fanática não há lugar para dúvidas, tolerância, alteridade, culpa, lutos, depressão ou reparação. Não existe tristeza nem alegria. Esta é confundida com excitação. Vive-se em um mundo hiper-real, em que as coisas são o que se imagina que são, nada além ou aquém disso.

Quando o funcionamento fanático convive com uma parte não psicótica da mente razoável, mantém-se um certo contato com a realidade, como vemos no “fanatismo” do dia a dia, em que os ‘fans’ idealizam um cantor de rock, um time de futebol, um líder qualquer, mas sem maiores prejuízos a não ser eventuais decepções.

Os aspectos fanáticos de mente têm algumas características que os diferenciam daqueles predominantes na parte psicótica da personalidade. O fanático deforma uma realidade que é consensual para determinados grupos sociais em uma forma convincente para aqueles grupos – por exemplo, a terra é plana, há uma conspiração internacional para dominar o mundo através de chips instalados nas vacinas etc. Essa realidade é bizarra para os outros. A nova “realidade” criada pelo psicótico, no entanto, parece bizarra para quase todos – por exemplo, existem seres extraterrestres que invadem minha mente com ameaças. Ao contrário dos fanáticos, o psicótico não costuma estar em busca de adeptos.

Aspectos fanáticos e psicóticos coexistem e sofrem influência mútua. Explosões genocidas, suicídios coletivos (por exemplo, os adeptos de Jim Jones) – junção de aspectos perversos e psicóticos – indicam intromissão violenta na organização fanática.

O fanático se considera infalível. Certo da superioridade da sua Verdade luta pela “salvação” do outro. Quando o outro resiste à salvação, o fanático tem certeza de rivalidade invejosa. Dessa forma, precisa atacar todas as evidências que abalariam suas ideias, incluindo as pessoas que duvidam. Qualquer forma de perversidade está justificada, em nome da Verdade ou da Causa.

Portanto, atrás da certeza supostamente inabalável, existem terríveis inseguranças e o psicanalista não se surpreende quando descobre que a mente fanática encobre aspectos frágeis, aterrorizados. Terroristas são, na verdade, pessoas aterrorizadas.

Uma importante característica do pensamento fanático é a generalização deformante e a valorização acrítica das relações causais. Uma determinada situação, verdadeira ou falsa, é generalizada e a responsabilidade é atribuída a todos os indivíduos da mesma categoria (etnia, religião, por exemplo) que serão considerados inimigos. Caso, em algum

momento, as evidências mostrem o contrário, o fanático criará novas crenças para confirmar sua Verdade.

O surgimento do fanatismo é facilitado, em uma pessoa, grupo social, ou em uma sociedade, quando ele sente-se fragilizado e ameaçado. Para contrapor-se a esse desespero busca-se algo salvador, poderoso, que substituirá a insegurança por Certezas,<sup>4</sup> comumente insufladas por grupos ou líderes que “inoculam” as Certezas. A transmissão de funcionamentos fanáticos se inicia na infância precoce e, possivelmente, antes.<sup>5</sup>

Existe uma clara relação entre o fanatismo e o ressentimento. O ressentido sente-se traumáticamente injustiçado e passa a viver para vingar-se do objeto que supostamente, ou na realidade, o injustiçou.<sup>6</sup>

## Contagiosidade

A capacidade contagiosa do fanatismo pode obnubilar a capacidade de pensar do observador que corre o risco de tornar-se adepto da crença. A crença fanática pode disseminar-se da mesma forma que doenças infecciosas que atingem hospedeiros vulneráveis.

O contágio emocional foi estudado por Freud (1921/1976e) ao referir-se às multidões “hipnotizadas” que são facilmente manipuladas por líderes fanáticos. Bion (1961) descreveu os supostos básicos que atacam a capacidade de pensar do grupo e nos alerta para o entorpecimento da mente. Esse entorpecimento torna as massas eufóricas, submissas ou violentas, respondendo às influências emocionais do líder.

Sabemos que vivências emocionais são transmitidas pelas variações da intensidade vocal, timbre, pausas, tons, como atos da fala, linguagem performativa. O fanático sabe usar a música que acompanha as palavras e os gestos – melíflua, sedutora, indignada e/ou ameaçadora – para induzir seu interlocutor a acreditar no que diz. A propaganda se sofisticou para mobilizar as emoções. Multidões rugindo, marchas militares (cujo ritmo hipnotizador lembra os batimentos cardíacos – possivelmente da mãe), palavras de

4 Como na Alemanha pós-guerra, que resultou no nazismo.

5 Algumas famílias islâmicas inoculam crenças em suas crianças, desde bebês, para que se tornem terroristas suicidas. Todas as sociedades totalitárias fazem algo similar.

6 O estudo clínico do tema Fanatismo pode ser encontrado em Cassorla (2019b).

ordem, orações compungidas, repetição constante de chavões, iluminação hipnótica etc, substituem a capacidade de pensar pela descarga emocional.<sup>7</sup>

A deturpação do significado das palavras é outra arma indutora. Klemperer (2009) estudou como o uso emotivo da linguagem, deformada pelo nazismo, transformava a mentira em suposta verdade<sup>8</sup>. Orwell (1949/2009), no clássico *1984*, descreve a *novilingua*, com a mesma função. O *Dicionário Oxford* escolheu, em 2016, “pós-verdade” – a mentira induzida emocionalmente – como a palavra do ano. As redes sociais têm se transformado em instrumentos para deformar a verdade, já que seus membros, protegidos pelo anonimato, sentem-se livres para propagar seus preconceitos e violência.

Fanáticos têm facilidade para intuir quais pessoas ou grupos têm potencial para serem fanatizados por sua Causa. Bebês, crianças pequenas, adolescentes, indivíduos ressentidos e desamparados, são vítimas fáceis. Outras vezes, o fanático fanatizante se liga a grupos já instituídos, mas rapidamente adquire a liderança rivalizando com os antigos líderes e, às vezes os acusa de heresia, traição ou deturpação da Causa.

A contagiosidade e o medo facilitam a conquista de seguidores. Transgressões, mentiras, racionalizações, fazem com que tudo seja permitido. Pela Causa sacrifica-se qualquer resquício de humanidade, justificando-se torturas, morticínios e genocídios. O fanático sente-se um justiceiro.

A transmissão transgeracional faz com que povos ou grupos humanos ressentidos tomem outros grupos como inimigos por gerações, recrutados por sentimentos, relatos e mitos transmitidos consciente e inconscientemente.

Atualmente vivemos, em todo o mundo, um recrudescimento de preconceitos, de cor, origem, nacionalidade, hábitos, ideias. O “politicamente correto”, que pretensamente combatia o preconceito, torna-se também fanatismo, condenando-se todos aqueles que – muitas vezes com humor – são capazes de lidar com a diversidade.

7 Em um suposto experimento científico, pessoas “normais” aplicavam choques elétricos em outras pessoas, com mais força do que o solicitado por um “professor”. Isto é, “qualquer um” poderia, “obedecendo ordens”, tornar-se um torturador (Bassols, 1999; Sor & Senet, 2010).

8 A frase “O trabalho liberta”, na entrada dos campos de concentração envolvia uma mentira irônica.

O fanático pode ser muito agradável, enquanto tenta converter-nos a suas ideias. Um amigo de uma seita vegana não desiste de tentar “salvar-me” de minha alimentação carnívora. Seu fervor religioso vacilou quando argumentei que a proliferação de veganos poderia diminuir o preço da carne fazendo com que mais animais inocentes fossem abatidos. Não podemos esquecer-nos de colegas que tentam levar-nos carinhosamente para sua “escola” psicanalítica para “livrar-nos do mal”. Existem, portanto, fanatismos sutis, menos graves.

Nossas investigações (Cassorla, 2016, 2019b) têm mostrado as dificuldades de diferenciar, com clareza, aspectos fanáticos de outros fenômenos próximos e coexistentes. Estamos frente a uma complexidade defensiva contra a percepção da realidade. Pudemos identificar alguns fatores: traumas e frustrações, organizações narcísicas, relação continente/contido insuficiente e/ou fraudulenta, voracidade e inveja, identificação projetiva massiva, ataques aos vínculos, impossibilidade de elaboração de lutos, déficit na simbolização, descargas, objetos bizarros, ressentimento, inoculação fanática, alucinoses. As formas de conexão (ou desconexão) entre esses fatos (e, outros) influenciarão as manifestações clínicas e sociais.

Evidentemente corremos o risco de reducionismo se não levarmos em conta aspectos culturais.

## Negação e recusa

Silvia me conta que, aos 16 anos, foi ao psiquiatra porque havia perdido a memória. Um dia acordou e percebeu que estava morando em uma casa com estranhos, pessoas que nunca tinha visto. Sua mãe – que ela reconhecia – lhe “apresentou” seu pai, o tio e seus dois irmãos, que ela não reconhecia. Um rapaz desconhecido a havia visitado e a mãe lhe disse que era seu namorado.

Aos poucos a família foi contando fatos que ela se lembrou. O namorado, a muito custo, a fez recordar que na noite anterior tinham estado em uma balada. Silvia lembrou-se da música e percebeu que ela estava o tempo todo presente em sua mente. O namorado lhe contou que haviam transado, pela primeira vez, e ela insistia em que não se lembrava. Um dia, com a ajuda do psiquiatra, caiu no choro e acabou lembrando-se. Em

seguida passou a reconhecer o pai e os irmãos. No entanto, levou vários meses para concordar em ir ao ginecologista e mais tempo para poder ter relações sexuais.

Essa situação ilustra os ataques à percepção da realidade, que já vimos em Narciso. A alucinação negativa de Silvia não se dirigia apenas aos homens, mas ao que eles – traumáticamente – despertavam. Estamos frente ao que Freud (1925/1976d) descreveu como Negação (*Verneinung*). “Este não é meu namorado – é um estranho” revela a necessidade de expelir algo mau – juízo de atribuição – que, em seguida, deixa de existir. O namorado e os homens não reconhecidos são, por condensações e deslocamentos, representantes da relação sexual traumática que, por sua vez, através de uma complexa rede de significantes retroagiria a traumas edípicos vinculados a traumas primitivos.

Podemos dizer que Silvia ataca o funcionamento de seu órgão visual e fica “cega” para aspectos da realidade.

Em “O fetichismo” Freud (1927/1976b) avança no estudo desses fenômenos estudando a Recusa (*Verleugnung*). Ele se refere ao ataque à percepção da falta do órgão masculino na mulher, assunto que vai derivar para o amplo tema da castração. O trauma do contato com a falta faz com que o ego se cinda: uma parte aceita a castração e outro a recobre com uma realidade criada pelo indivíduo. Essa nova realidade chama-se fetiche. Freud propõe que o fetiche forma-se a partir das percepções anteriores e posteriores ao evento traumático.

Assim, o pé ou o sapato deve sua preferência como fetiche ... à circunstância de que a curiosidade do menino olhou a partir de baixo, a partir das pernas, para o órgão genital da mulher; veludos e peles...fixam a visão dos pelos púbicos, à qual seguiria a ansiada visão do membro feminino; as peças íntimas de roupa, tão frequentemente tomadas como fetiche, retêm o instante do desnudamento, no qual ainda se podia imaginar a mulher como fálica. (1927/1976b, p. 247).

Com Silvia podemos considerar o som da balada como uma espécie de fetiche. Algo que ocorreu antes do trauma. O não reconhecimento do sexo masculino fazia com que não reconhecesse que existiam dois sexos. A

não existência de homens impediria que ela se desse conta de sua incompletude. Incompletude ainda mais traumática por ter descoberto que o pai e os irmãos (e por deslocamento todos os demais homens) eram tabus.

## Negacionismo

Negacionismo é um fato social que tem se tornado mais evidente nos últimos tempos. Inicialmente usado para negar fatos históricos – o Holocausto – se ampliou em outras direções. O negacionista despreza as evidências, que ele considera falsas ou mentirosas. Comumente cria outra realidade, oposta àquela que ele nega. O negacionismo pode ser acompanhado do fanatismo.

O negacionista está convencido de sua verdade. Existe o falso negacionista cujo único objetivo é beneficiar-se, por exemplo, com cargos políticos. Entre os dois temos o adepto idiotizado que não se preocupa com a verdade ou a mentira: apenas precisa de um líder que o faça sentir-se existente. Penso que a maior parte dos negacionistas se encaixa nessa terceira espécie.

A nova realidade criada pelo negacionista tem características próprias: apela-se para um imaginário mítico envolvendo aspectos ancestrais do indivíduo, do grupo ou da humanidade, transformados em construções idealizadas. Essa hipótese retoma a ideia freudiana de que existiria um fragmento de verdade histórica – nesse caso idealizada – conectado à história ou pré-história do grupo, que contribuiria para o sentimento de convicção (Freud, 1937/1976a).

Retomemos o texto de Freud sobre fetiche. Como vimos o fetiche representa uma percepção ocorrida pouco antes ou após o evento traumático – originalmente a castração. Esse modelo nos servirá para aprofundar nosso estudo.

Suponhamos que o recém-nascido foi expulso do Paraíso (vida intrauterina) sofrendo o terrível trauma de cair no Inferno. O Paraíso será retomado na primeira mamada e o Inferno retornará em algum momento. Entre momentos no Paraíso e no Inferno, a experiência com o outro permite que ele possa viver na Terra onde se administram as assombrações infernais em conflito com os deuses idealizados. O que nos importa, nesse modelo, é o fetiche que o bebê (ou a humanidade) cria para substituir o

trauma da expulsão do Paraíso: a completude total, o sentimento oceânico (Freud, 1927/1976c) que será encontrado em grupos fanáticos que prometem o Paraíso na terra ou/e no céu. Esse é o fetiche.

É possível que a pletora de fanatismos e negacionismos atuais seja influenciada pela dificuldade dos seres humanos de conviver em sistemas democráticos. O poder e as transformações devem ser negociados o tempo todo e de forma transparente. Os conflitos são permanentes e levam a diferentes graus de instabilidade. Existirão aqueles que preferem sacrificar a liberdade em nome de uma “ordem”. Comumente essa “ordem”, que dá origem a governos repressivos, visa restituir privilégios que foram suspensos pelo sistema democrático.

Estamos conscientes da complexidade dos fenômenos estudados, que demandam aprofundamento interdisciplinar. Corremos os riscos inerentes ao reducionismo, à especulação selvagem e aos vieses etnocêntricos (Abella, 2018). Valorizamos as contribuições de cientistas sociais que têm mostrado a relação entre as situações de desamparo e o sistema capitalista, o neoliberalismo, a hipertrofia da razão, a idealização do mercado, a modernidade líquida, a sociedade narcísica, o declínio da função paterna, a necropolítica – resultando na desumanização – temas que não poderemos abordar.<sup>9</sup> Este texto propõe que o comportamento fanático e negacionista é, ao mesmo tempo, produto e reação contra essas instabilidades sociais vinculadas a fatores individuais.

As hipóteses efetuadas nos ajudam a lançar algumas luzes sobre as escolhas negacionistas que, como vimos, visam o retorno a um passado idealizado. Esse passado pode ser recente (por exemplo, saudades da ditadura no Brasil) e comumente se vale de ideias anti-iluministas.

Quando a religião se sente ameaçada reforçam-se os grupos fundamentalistas, isto é, aqueles que se valem das Escrituras, evidentemente interpretadas da forma que interessa ao fanático. A negação da ciência implica em um Ser superior que tudo determina e que nos protege se seguirmos suas ordens e ensinamentos. O darwinismo é vivenciado como um inimigo – seu erro é supor que nós, os Homens criados por Deus á sua imagem e semelhança – somos apenas um elo da evolução. Os racistas e os supremacistas

9 Uma revisão dos aspectos sociais pode ser encontrada em <https://plato.stanford.edu/entries/postmodernism/>.

brancos são nostálgicos do tempo em que constituíam a raça superior, dominando todas as raças “inferiores”. Os nazistas recuperaram mitos das origens como descendentes dos arianos, raça superior. O modelo de Mussolini era o poder de Roma antiga. Grupos evangélicos têm se apropriado de símbolos judaicos na expectativa da vinda do Messias, que fará a conversão dos judeus ao cristianismo.<sup>10</sup> O negacionismo do poder das vacinas repousa também em uma fantasia de que tudo o que é “natural”, isto é, fruto de Deus, nos salvará. Não há que preocupar-se com mudanças climáticas, como se pudéssemos voltar ao início dos tempos em que Deus mantinha a natureza intacta e o homem apenas usufruía dela. As mulheres e os homossexuais ameaçam por estimularem desejos e necessidades em seres considerados superiores.

Curiosamente o risco de guerra nuclear (Segal, 1997) não é mais discutido. Le Goff (1994) nos mostra como o imaginário medieval, se mantém presente em nossa cultura. Seria uma época em que existia ordem, cavaleirismo e fidelidade. Essa idealização da classe dominante (os nobres e os donos das terras) ignora convenientemente a população miserável, submissa e oprimida.

O fanatismo pode manifestar-se também naqueles do campo oposto. Ao fanático que se vale das Escrituras se opõe o fanático que quer destruir qualquer resquício de tradição. Por vezes, fanatismos se digladiam dentro dos mesmos grupos religiosos e ideológicos, cada qual se considerando mais “puro” que o outro.

Atualmente se observa a expansão do chamado populismo destrutivo, cujo objetivo é destruir as instituições democráticas, especialmente aquelas que buscam mitigar o sofrimento social (Bollas, 2020). Os afetos onipotentemente destrutivos se idealizam e a função continente da sociedade democrática é deformada ou destruída. Isso implica na escalada permanente de excitantes atos destrutivos que visam manter a relação simbiótica do narcisismo destrutivo (Zienert-Eits, 2020).

O fanatismo e o negacionismo atacam o indivíduo ou grupo que se vale da razão, que permite e busca o debate, a controvérsia, que respeita as evidências e opiniões dos demais. A maior ameaça para o fanático é a

10 O historiador Michel Gherman discute uso mítico de símbolos judaicos por grupos evangélicos: <https://theintercept.com/2021/03/26/entrevista-michel-gherman-nazismo-israel-bolsonaro/>.

liberdade de pensamento. Por isso, atrás de todos os negacionismos, sempre existe em forma latente o ódio pela liberdade, pela criatividade, pela convivência fértil com o outro, pela capacidade de pensar, sentir e transformar o mundo a partir do aprender com a experiência.<sup>11</sup>

## Concluindo

Algumas vezes podemos questionar possíveis aspectos fanáticos através de brechas abertas pela parte não psicótica da personalidade. Reconto, com minhas palavras um relato de Amós Oz (2005): Um escritor estava em um táxi, em Israel, e o chofer comentava sobre o conflito entre árabes e judeus. Dizia que a única solução possível seria matar todos os árabes. O escritor lhe pergunta. “E como os árabes seriam mortos?”. O motorista afirma que todo judeu deveria matar um árabe. O escritor continua: “E como seriam mortos?”. O motorista: “De qualquer forma, tiros, facadas, bombas”. O escritor: “Imaginemos, então, que no prédio em que você mora exista uma família árabe, você entra lá e mata todos”. O motorista concorda vacilante. O escritor continua: “Imaginemos, então, que você matou toda a família e, quando você já está se afastando, ouve um choro de bebê, que sobreviveu porque você não viu ... O que você faz?”. O motorista retruca: “Como o sr. é cruel!!!”.

A psicanálise tem algo a oferecer no tratamento de mentirosos, fanáticos e negacionistas? A maioria das pessoas com essas características não busca a psicanálise e costuma ser seu adversário. Entretanto, podemos identificar essas defesas em alguns pacientes que nos procuram por outros motivos e ajudá-los a se conhecerem melhor. Sem a pretensão – também arrogante – de transformar o paciente em alguém “melhor”.

Nosso maior desafio é descobrir formas para que as descobertas da psicanálise possam beneficiar a sociedade. Estamos em uma encruzilhada. Muitos estudiosos – que não poderemos abordar neste texto – têm trazido valiosas reflexões sobre a relação entre o conhecimento psicanalítico e a violência que se manifesta nos grupos humanos.

11 Os aspectos desenvolvidos no item Negacionismo são encontrados em Cassorla (2021b).

## Fanatismo e instituições psicanalíticas

Não podemos concluir sem abordar o movimento psicanalítico. Psicanalistas são seres humanos. É arrogante atribuir superioridade ao ter “sido analisado”. Sabemos do apoio de psicanalistas ao nazismo, a governos ditatoriais, a situações de violência social. A própria formação psicanalítica corre riscos: existem Institutos em que determinados autores e ideias são desprezados – um tipo de negacionismo. Existem certezas sobre o “que é psicanálise” e o “que não é psicanálise” com base em crenças e ideologias. Existem formações em que se estuda apenas um autor. Pode ocorrer do pensamento ser obstruído porque determinados autores são tomados como se fossem Sagradas Escrituras. Existem verdadeiras seitas em que os discípulos seguem um determinado mestre. Disputas pelo poder político podem dificultar a investigação criativa. Existem psicanalistas racistas e homofóbicos. Enfim, nada diferente do que ocorre em outros grupos humanos.

Curiosamente o prestígio da psicanálise tem feito com que ela se misture com crenças e religiões. Em nosso meio tem havido uma tendência dos profissionais de saúde mental se intitularem psicanalistas, mesmo que não conheçam ou utilizem o conhecimento psicanalítico. Mais perigoso tem sido a utilização do termo por grupos de pastores evangélicos que têm formado mais de três mil “psicanalistas”, em cursos de dois semestres. Esses grupos pressionam o governo a regulamentar a profissão usando critérios como dois semestres de curso. As Sociedades brasileiras ligadas à IPA, associadas a outros grupos sérios, têm lutado contra essa regulamentação, mas tudo indica que ela acabará acontecendo.

### Fanatismo y negacionismo

Resumen: A partir del estudio del mito de Narciso, se propone que las configuraciones fanáticas implican un complejo defensivo que ataca la percepción de la alteridad y, en consecuencia, la consideración por el otro. El fanático se refugia en la idealización tanática de la Verdad, considerada única. Busca compulsivamente seducir al otro hacia su Causa controlándolo. Si no lo hace, tendrá que matarlo. El negacionista, a su vez, se siente amenazado por todo lo que socava sus creencias y, al negarlas, busca mantenerlas o reemplazarlas por construcciones que se remontan a un pasado idealizado. Los conceptos freudianos de negación (*Verneinung*) y rechazo

(*Verleugnung*) ayudan a comprenderlo. Se muestra que el fanatismo y el negacionismo pueden superponerse. El texto termina con la descripción de hechos similares que pueden entorpecer el conocimiento y la formación psicoanalítica.

Palabras clave: fanatismo, negacionismo, negación, desmentida, narcisismo

### Fanaticism and denialism

Abstract: From the study of the myth of Narcissus, it is proposed that fanatical configurations involve a defensive complex that attacks the perception of otherness and, consequently, the consideration for the other. The fanatic takes refuge in the deadly idealization of Truth, considered unique. He compulsively seeks to seduce the other to his Cause by controlling him. If he doesn't, he'll have to kill him. The denialist, in turn, feels threatened by everything that undermines his beliefs and, by denying them, seeks to maintain them or replace them with constructions that go back to an idealized past. The Freudian concepts of negation (*Verneinung*) and refusal (*Verleugnung*) help to understand it. It is shown that fanaticism and denialism can overlap. The text ends with the description of similar facts that can obstruct psychoanalytic knowledge and training.

Keywords: fanaticism, denialism, denial, disavowal, narcissism

### Referências

- Abella, A. (2018). Can psychoanalysis contribute to the understanding fundamentalism? An introduction to a vast question. *International Journal of Psychoanalysis*, 99(3), 642-664.
- Bassols, R. (1999). Sobre fanatismo y violencia: ensayo desde una perspectiva psicoanalítica. *Temas de Psicoanálisis*, 4,167-179.
- Bion, W. R. (1961). *Experiences in Groups*. Routledge.
- Bollas, C. (2020). *Civilization and the Discontented*. Youtube.
- Cassorla, R. M. S (2016). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. Blucher.
- Cassorla, R. M. S. (2017) Stupidity in the analytic field: Vicissitudes of the detachment process in adolescence. *International Journal of Psychoanalysis*, 98, 371-391.

- Cassorla, R. M. S. (2019a). Suicídio: em busca do objeto idealizado. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 53(4), 49-65.
- Cassorla, R. M. S. (2019b). Fanaticism: Reflections based on phenomena in the analytic field. *International Journal of Psychoanalysis*, 100(6),1338-1357.
- Cassorla, R. M. S. (2021a). *Estudos sobre suicídio: psicanálise e saúde mental*. Blucher.
- Cassorla, R. M. S. (2021b). Arrancando os olhos. Reflexões sobre negacionismo. *Jornal de Psicanálise*, 54(101), 95-112.
- Freud, S. (1976a). Construções em análise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1976b). Fetichismo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1976c). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1976d). Negação. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1976e). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Klemperer, V. (2009). *LTI: A linguagem do terceiro Reich*. Contraponto.
- Le Goff, J. (1994). *The Medieval Imagination*. Chicago University Press.
- Orwell, G (2009). *1984*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1949)
- Oz, A. (2005). *Como curar um fanático*. Companhia das Letras.
- Segal, H. (1997). *Psicanálise, literatura e guerra*. Imago
- Sor, D & Senet, M. R. (2010). *Fanatismo*. Buenos Aires: Biebel
- Zienert-Eilts, KJ (2020). Destructive populism as “perverted containing”:  
A psychoanalytical look at the attraction of Donald Trump. *International Journal of Psychoanalysis*, 101,971-991.

Roosevelt M. S. Cassorla  
roocassorla@gmail.com